

ALFAGUARA

Maria Grazia Calandrone

Escrito com sangue
na água

Tradução de Sofia Ribeiro



Chamava-se Lucia

Da minha mãe, só tenho duas fotografias a preto-e-branco.

Além, claro, da minha própria vida e de umas memórias biológicas, as quais não estou certa de saber separar da sugestão e do mito.

Escrevo este livro para que a minha mãe se torne real.

Escrevo este livro para arrancar da terra o cheiro da minha mãe. Experimento um método para aqueles que perderam a sua origem, um sistema matemático de sentimento e de pensamento, tão inteiro, que poderia reanimar um corpo, tão quente como o solo no verão, e tão coerente.

Começo pelo que tenho, as duas fotografias que a retratam, na ordem em que apareceram na minha vida. A primeira

é do dia do seu casamento, sábado, 17 de janeiro de 1959. Lucia tem vinte e dois anos, está toda vestida de branco e não sorri.

Um dia, olhando para esta fotografia até que as imagens desaparecessem e surgisse a realidade por trás das coisas a que chamo poesia, anotei num recorte de jornal quatro frases que se tornarão claras enquanto escrevo este livro: «Chamava-se Lucia. Poucos se importavam com

a sua vida. Hoje é o dia do seu casamento. Há qualquer coisa nela que já não existe.»

A segunda fotografia é o retângulo de escassos centímetros colado no bilhete de identidade dela, encontrado em junho de 1965 numa mala abandonada em Roma. Mostra uma rapariga bastante bonita e autoconfiante, usando uma camisola e casaco pretos, brincos e fio de ouro. Uma elegância simples. O olhar é sincero, aberto e distante. Embora Lucia mal sorria, o lábio inferior ligeiramente saliente confere ao seu rosto uma expressão infantil e ligeiramente amuada. Lembra a Claudia Cardinale em *A Rapariga da Mala*, de Valerio Zurlini. Não sei que idade teria nesta fotografia.

Na imagem em que Lucia está vestida de preto, a palavra «fotografia» — escrita de luz, escrita com luz — parece adequada.

Na fotografia de branco, o olhar da noiva suga toda a cena, numa vítrea ausência de vida. Lucia mostra os olhos mansos da presa que finge não estar ali, retirando-se, com um olhar impenetrável, em que o mundo é uma paisagem de feras dentadas e desprovidas de sonhos, adormecidas fora da Natureza. E sobre esses olhos abertos o mundo desliza, e não mais assenta.

Ela, que não veio das estrelas (a indesejada)

Lucia é dada à luz em plena noite.

Ou no começo do dia, tendo em conta a expectativa razoável — mesmo em 2022 — de que no fim de cada noite aparece a alvorada.

É expulsa do corpo da mãe à uma hora e cinco minutos de domingo, 16 de fevereiro de 1936. A Lua está em fase minguante, e apenas a luz branca e primitiva de Sírio, ápice cintilante da constelação de Cão Maior, projeta a sombra dos corpos recém-separados na cal da parede oposta à janela, sem grande alarde.

Ganhar vida significa mover-se por si mesma e depois perdurar. O corpo de Lucia é uma das miríades de formas que revelam a independência da matéria e a sua vontade de persistir. O cabelo dela aponta em todas as direções.

Os pais, Amelia Greco e Luigi Galante, agricultores, já têm três filhas: Anita, Ersilia e Gemma. A quarta filha é indesejada, despertando até uma ponta de ressentimento, aliada à hipótese humilhante de uma semente paterna pouco vigorosa e de um apelido que não terá continuidade. Seis anos depois de Lucia, quem sabe se após gravidezes que apenas trouxeram loucura e nenhum fruto, chegou Rocco, o da boca que ri. Ao cabo da primeira prova hercúlea, uma irreprimível explosão de choro, eis um milagre

de substância muscular fulgurante, ao qual se dá a alcunha Ercolino, que substitui nos registos familiares, com efeito imediato, o nome de batismo.

A casa rural da família é um bloco de dois andares: repousa, maciça e branca, no campo desordenado de Palata, província de Campobasso, à época ainda parte da região de Abruzzi e Molise. Molise só viria a separar-se da região natal em 1963, como um bebé de mil anos que cai sob uma chuva de amêndoas e trigo. A quinta Galante situa-se num distrito ainda ausente de quase todos os mapas.

Às duas divisões mais cozinha que compõem a parte habitável da casa chega-se através de uma escadaria de degraus enormes: no campo, é essencial deixar espaço suficiente na zona inferior, para o estábulo e para guardar os utensílios da lavoura.

É no rés-do-chão que se situa o peso-pesado da quinta: a corte das vacas e seus vitelos. «Estrela, estrelinha, a noite para cá caminha...» Em frente à casa, há uma majestosa figueira, sobranceira ao galinheiro e à coelheira. A frescura verdejante que emana da árvore no ar crepitoso das manhãs de inverno, misturada com o fumo da lenha a arder na lareira e o perfume da esteva, representa, para Lucia, o cheiro a casa. Será o cheiro de que terá mais saudades, quando a vida a afastar para longe e ela se perder. Mas mestre do seu próprio desaparecimento.

Durante o dia, atrás da casa, presos por cordas a sólidos anéis cravados na parede exterior, ou aos carvalhos jovens, há cabras e porcos, e a meda de feixes brilha sob

o telhado de chapa do celeiro. Mais adiante, os campos lavrados, com as sementes dos cereais. Do quarto, aprecia-se a quinta inteira. A vasta, ampla paz da possessão.

À noite, a casa enche-se com o odor dos corpos a dormir. Ao amanhecer, tudo está imediatamente em movimento, os homens e os outros animais. Grande parte do trabalho com os bichos acontece à primeira luz: levar feno a vacas e coelhos, por vezes cenouras açucaradas ou pequenos feixes de rúcula acerba; espalhar cevada, trigo e milho para gansos, perus e galinhas; deitar os restos frios e salgados do jantar da véspera na pocilga; ordenhar vacas e ovelhas — e, depois, a cabra solitária e desordeira. Por todo o lado, regressam à vida gatos e cães, numa orquestração complexa de despertares, composta por crescentes chiados, latidos, mugidos, cacarejos, miados, grunhidos, grasnidos — e balidos, por enquanto em vão: ovelhas e cabras vão para o pasto depois do pequeno-almoço das mulheres.

Para Lucia, o cheiro de uma manhã de inverno é a leite e farinha de trigo: uma fatia grossa de pão duro, embebido em leite acabado de ordenhar e levado a ferver, para matar as bactérias. Os doces são um luxo inacessível. À noite, nas ruelas da aldeia, as crianças correm atrás dos burros, para lhes arrancar dos fardos que levam no dorso a *sulla*, uma planta forrageira perfumada, com flores vermelhas que exalam um aroma a mel, ao mesmo tempo leve e íntimo.

A povoação consiste numa rua principal, a Via San Rocco, um par de praças, uns cruzamentos e duas igrejas. Toda ela pedra, montanhosa, ar ameno e, em lampejos, uma vista da calmaria azul do Adriático, um cenário de paz que brilha nos espaços vazios entre as casas, enganchadas

como uma coroa ao longo dos miradouros nos pontos mais extremos do vilarejo. Muito, muito longe, no horizonte acidentado, pulsa um fantasma, o rochedo de Monte Amaro, que se destaca entre os campos de neve da Maiella. Diz-se que o perfil deste maciço é o perfil do corpo abandonado da ninfa Maia, primogénita das Pléiades, que se deitou para morrer de dor sob o insulto do céu, depois de enterrar o filho Hermes entre as ervas aromáticas do Gran Sasso. O corpo supino da mãe é um alerta para cabras-montesas, corços e javalis, quando, nos bosques, os ursos-pardos-apenínicos, de aspecto compacto, roçagam na floresta ou, a descoberto e de cauda baixa, os lobos deambulam em alcateias, tropas mudas com olhos fluorescentes no azul-elétrico das centáureas. Naqueles anos, Palata tinha pouco mais de três mil habitantes e não dispunha de rede de esgoto. «P'la Maiella!» é a praga que se roga naquele lugar, e que muda de significado dependendo do tom.

Quando não estão a trabalhar na quinta, os Galante vivem numa casa de cujas varandas se vê a rua principal. Constituem uma estrutura quadrada, uma formação militar tartaruga: uma família normal.

Terra de Lucia vista do futuro

Calcário e girassóis, no caminho da aldeia. Charneca e colinas doces. Escrevi «charneca» para dizer ao mesmo tempo mato e estepe, uma cor desértica, o rubor do fogo que passou ainda agora, umas chamas lá em cima.

É 14 de agosto de 2021. No dia 16 de fevereiro deste ano (só muitos meses depois perceberei esta espantosa coincidência), o presidente da Câmara de Palata ouviu-me mencionar a cidade durante uma entrevista televisiva de Serena Bortone sobre o livro que dediquei a *Consolazione*, a minha excêntrica mãe adotiva, e convidou-me imediatamente para falar sobre o assunto na terra de Lucia — uma terra que eu mal conhecia, uma mãe biológica que eu mal conhecia. Uma coincidência disfarçada de consequência lógica, à qual, como sempre, não me oponho: sigo com curiosidade o fluxo dos acontecimentos, observo-me de fora. Apenas a dor bruta me prende à minha única vida, confinada e solitária. À parte isso, sinto-me vida de todos.

Há quarenta anos que não ia àquela terra: *Consolazione* e eu descemos do autocarro na praça pedregosa de Palata em 1980. A minha professora do liceu, Paola Moretti, dedicou-se à tarefa de enlaçar ao tronco de gerações ligadas pelo sangue uma pessoa (eu mesma) que, como muitos adolescentes, parecia ramificar-se ao acaso, desconfortável

com a delimitação do possível a que chamamos realidade. Aos olhos dos adultos, devo ter parecido uma plantinha idiota, a estender os seus ramos na direção de aparentes zonas misteriosas, sem entender que o mistério mais inescrutável é, talvez, a realidade. Infelizmente, a realidade é muitas vezes subestimada e tem o defeito de ser suficiente apenas para os felizes. Na história do meu passado reside a esperança de uma justificação para o meu confuso impulso criativo, e aquelas duas mulheres cheias de afeto (mãe e professora) intuíram que seria essencial distender a minha vida, incluindo nela o ícone metafísico da mãe perdida. E a poesia. Dois presentes impossíveis de retribuir, que talvez sejam um só.

Hoje estou ao volante do meu *Fiat Panda*. No lugar do pendura, a minha filha Anna, de treze anos, que decidiu ficar perto de mim e escolhe, para a nossa viagem até à origem, uma banda sonora doce e alegre. Estou-lhe grata por isso. De vez em quando, cantamos. Disponho-me a absorver a paisagem que os olhos da minha mãe viram.

Escrevo apenas em cadernos de espirais com folhas em branco, nem pautados nem quadriculados. Começo a apontar frases impressionistas sobre os lugares que, com o passar dos dias e dos meses, se tornarão apontamentos sobre a vida da minha mãe, entrevistas, documentos escrutinados em arquivos. Uma verdadeira investigação sobre Lucia e tudo o que lhe diga respeito.

A começar pelo nome da sua aldeia, Palata, que descubro vir de uma língua fluvial: a *palata* é uma barreira de cordas e correntes que, enroladas num feixe de varas,

impedem a passagem por um curso de água. Uma espécie de alfândega. Se não houver dinheiro que baste, então que o preço seja a vida. Pela água, no rio. Mas *palata* também pode significar apoio, uma sequência rápida de troncos cravados verticalmente no solo, amarrados com travessas e escoras de fio de aço, que reforçam pontes e passagens ao centro. Obstáculo ou apoio. Como tudo o mais.

Os meses passam e a tempestade inicial de memórias começa a dispersar-se, o clarão cego da amnésia aparece nos olhos de muitos. O zumbido incessante das minhas perguntas traz sofrimento, poucos mantêm o amor teimoso necessário para arrancar o brilho da vida de Lucia do emaranhado de vergonha, silêncio e culpa que a enterrou. Tenho de afundar as mãos na cegueira do tempo, sem saber o que vou encontrar: lá em baixo, na terra onde o silêncio deixa cair aqueles que não são amados. Depois tenho de observar que corpo é trazido à luz.

Com o passar dos dias, emerge do vazio onde habitava uma figura tridimensional, soerguendo-se na história do seu tempo. Uma figura de cara lavada.

**Roma, 1965: um homem e uma mulher,
unidos por um amor proibido,
abandonam a sua filha bebé num jardim,
antes de cometerem um ato extremo.
Essa bebé era Maria Grazia Calandrone,
e esta é uma história que ombreia
com a melhor ficção.**

«Da minha mãe, só tenho duas fotografias a preto-e-branco. [...] Escrevo este livro para que a minha mãe se torne real.»

Mais de cinquenta anos depois de ter sido misteriosamente abandonada, Maria Grazia Calandrone parte em busca do seu passado. Percorre os lugares onde a mãe viveu, recolhe testemunhos, mergulha em arquivos, analisa fotografias, cartas, objetos. Reconstrói, assim, a vida de uma mulher ostracizada por se ter apaixonado por um homem a quem não estava destinada, numa época que condenou ambos à morte mais trágica. Lucia foi uma rapariga pobre mas indomável, sem estudos mas decidida, rejeitada pela família mas amorosamente dedicada. Antes de morrer, cuidou para que a sua filha tivesse outra sorte. Como foi?

Narrativa de rara beleza, *Escrito com sangue na água* é uma viagem a águas fundas: à condição indigna das mulheres do povo, às feridas do pós-guerra, aos dogmas do catolicismo e aos restos do fascismo, mas também ao território da paixão, da resistência, da memória e do amor materno. Uma viagem tão íntima quanto política, que revela uma história que primeiro se tornou notícia de jornal e, depois, literatura.



FINALISTA DO PRÉMIO STREGA

«Uma história inacreditável, alicerçada numa voz lírica,
que, em tom elegíaco, brilhante e por vezes irónico, traz à luz
um mundo de vencidos.»

La Stampa



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
i penguinlivros

ISBN: 978-989-589-427-7



9 789895 489427